

5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
e 14 no sair

RUBEM BRAGA

1232 VOLTA AO SUL

«A Revista do Globo» fechou, a «Provincia de S. Pedro» sumiu, e o Rio Grande do Sul ficaria sem nenhuma revista se não aparecesse essa «Cultura Contemporânea» do jovem Sérgio Ribeiro Rosa. Foi graças a um convite seu que tive o prazer de rever Pôrto Alegre, em companhia de Fernando Sabino e João Cabral de Melo Neto, em mais uma revoada da editôra Sabiá.

O ministro e (a partir do dia 15) acadêmico de Melo Neto não conhecia a cidade; Fernando já lá andou rapidamente algumas vezes; o único de nós a se comover com velhos fantasmas era eu, que vivi alguns meses em Pôrto Alegre lá por volta de 1939. Fui parar all tangido por um desastre sentimental; a polícia da Ditadura certamente não entendeu isso. Prendeu-me ao chegar, prendeu-me depois e expulsou-me pelo crime de andar eu reorganizando o Partido Comunista a que, por sinal, jamais pertenci. Eu apenas procurava reorganizar uma vida afetiva devastada pelo temporal. Pôrto Alegre não me curou, mas me fez bem pelo convívio simpático e generoso de sua gente. Reencontrei alguns velhos amigos daquele tempo em que trabalhei na redação do «Correio do Povo» e escrevi crônicas para a «Folha da Tarde»; abraço o Nilo Ruschel e o Carlos de Reverbel, hoje mais interessado em cavalos que em homens. Passei pela rua da Praia com Guilherme César, um amigo de 1932, de Be-

lo Horizonte, hoje totalmente integrado na vida, na literatura e na história gaúchas; abraço Maurício Rosenblatt, Mário Quintana, Manuelito de Ornellas...

É claro que não existe mais a Confeitaria Woltmann, nem aquê bar na Praça da Alfândega onde a gente parava um pouco de tarde; muitos amigos estão viajando ou morando longe, como Viana Moog, Érico Veríssimo, Rivadávia de Sousa; outros morreram; mas o mais distante dos desaparecidos e o mais falecido dos mortos é aquele jornalista magro e provavelmente triste que morava no último andar do edifício Santa Rosa, lá no alto da rua Dr. Flôres. É nesse antigo Rubem que eu penso, ao andar por Pôrto Alegre, e penso nêlo com simpatia mas sem saudade nenhuma.

P. S. — Recebi a seguinte carta de Jânio Quadros: «Prezado amigo Rubem Braga — Eloá e eu nos comovemos, hoje, com a leitura de sua coluna. Essa solidariedade paga, em larga medida, os sofrimentos e até humilhações pelos quais temos passado. Sou um homem consciente dos seus equívocos ou erros, mas, também, de suas responsabilidades neste País ensandecido. Afirmando-lhe, Rubem, que irei cumprir o dever até as últimas conseqüências. Antes, eu pedia; agora, ofereço. E, como é bom verificar que é melhor oferecer do que pedir!

O Joel leva-lhe meu abraço. Desvalido, mas de amigo e admirador sincero. (a) Jânio Quadros.

DN 15.8.68